

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — Nova Typographia de Paula Brito — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a corte, e 20000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 62. Na avulsos, 100 rs.

A MARMOTA.

AO

ILLUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR
DESEMBARGADOR E SENADOR

João Lins Vieira Cansação
do Simão

Muito digno Presidente desta Provincia
por occasião da sua partida para a corte a tomar
assento no Senado.

POESIA

recitada no numero e explendido bota-fôra
de S. Ex.

POR FRANCISCO MONIZ BARRETTO.

Eu poeta, que não temo
Nunca o que sinto dizer;
Que ao povo não devo graças,
Graças não devo ao poder:
Tão livre como oceano,
Ao luzeiro algoano
Que n'outro céu vai brilhar,
Por minha terra querida
Um canto de despedida
Aqui venho altivo dar.

POLHEM.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

Quinze dias antes esse casamento era uma desgraça; agora era uma cruel surpresa, mais que uma desgraça; era a morte que ella via aproximar-se para arrebatá-la á felicidade. Mas á vista do perigo, quiz lutar e repellir com força os golpes que lhe atirava a desapiadada mão de um parente desnaturalado. Levantou-se com magestade, o pela primeira vez encarou seu irmão de face:

— Não, dice ella, como fallando consigo, não me leide casar com esse homem, porque não o posso enganar. Estas palavras sorprendenderam a D. Martim, que não menos admirado estava da transformação que vira na jovem D. Narcisa, apresentando um contraste tão repentino. E tambem fixando-a lhe tornou:

— E em que o enganaria, senhora?

Para elevar-se não pede
Licença a onda a ninguém;
O poeta é como a onda,
Igual privilegio tom;
A seu querer se levanta,
Toma o alande e canta,
Segundo a sua razão;
Sem ver quem sob' elle impere,
Independente desfere
Seu brado, sua canção.

Aqui vou, pois, o meu brado,
Minha canção desfirir;
Sem me importar que condemnem
Os outros o meu sentir:
Dando a quem quero o meu preto,
Repouso no meu direito,
Que a ninguém cabe vedar,
D'animo tranquillo e quèdo,
Como inconcussa rochedo,
Contra o qual se quebra o mar.

Vêde: o homem do meu canto
Ainda bem — não stá só;
Cerca-d'ellos-seu governados
Numerosa egrégia mól
Tão devota concurrencia,
Na hora fria da ausencia,
Sancciona o meu louvor;
E' um documento vivo,
Da nobreza de incentivo
Do Bahiano trovador.

— Porque impossivel seria dizer-lhe que o amo.

— Ora, acrescentou o fidalgo encolhendo os hombros: trata-se por ventura de amor em um casamento?..

— Senhor, não trate desse modo o destino da mulher; não queira roubar o unico bem que esse ente sensível pode achar no sacrificio da liberdade de sua vida inteira.

— Na verdade, minha irmã, que me surprehende achá-la tão espirituosa! Tornou, D. Martim com ar sardonico, mas intimamente encolorisado.

— Ah! exclamou a moça exaltando-se: não me consultaram; sou eu a unica que tudo ignoro de um facto que sabel-o-ha talvez até o mais obscuro dos criados que me servem, porque dispozeram de mim como de um fardo, que se mercadeja!.. Se querem agora a minha presença, é para que o comprador veja melhor a qualidade do estofa que ajustou pelo preço que se chama *dote!* Ah! e querem, depois de toda esta profanação do mais sagrado de todos os actos da vida da mulher, que hajam casamentos felizes!..

— irrisão...

D. Martim mordeu os labios até forir sangue, ouvindo fallar assim a donzella.
Por um momento uma idéa de desconfiança

Esta espontânea homenagem
Não vem de principio vil;
Vem da vida d'esto homem
Acrysolada e gentil;
Vem da sua honestidade,
Da sua honra, e bondade,
Em que todos temos fé;
Vem do seu character nobre,
Ante o qual o rico, o pobre
A mesma entidade é.

Qual foi o povo que elle
Exacerbou e opprimiu?
Quaes as vidas que um mando
O salso abysmo enguliu?
Qual o edificio abrasado,
Onde o vencido, queimado
Fosse por agentes seus?
Qual o seu feito nefario
Da moral no sanctuario
Contra os preceitos de Deos?

A lava, para o que digam,
D'aqui atiro aos rivaes,
Pra que alguns sobre os seus idolos
Me façam perguntas taes:
Sim sobre esses, qu: um dia,
Por zelo da Monarchia,
Trucidam a sua grei;
Mas, se do poder cahiram,
Logo se oppoem e conspiram
Contra a vontade do Rei. (*)

(*) Como agora, que hesitavam a conciliação, Hei a pederal e salvadora, que partiu do Monarchia. (Vi a quem toca).

ça atravessou seu espirito, mas foi como o relampago: e de mais; a quem havia sua irmã inclinar-se naquello lugar em que elle não collocia um homem seu igual? E depois: não bastava o recato em que D. Narcisa vivia, para a preservar de qualquer inclinação?

Pouco a pouco a sua indignação se moderou com estas reflexões e pensou que tudo isto não passava de queixas de uma criança, de caprichos de moça, e tratou de responder como convinha a elle e á joven.

— Senhora, a noute se adianta, não tenho tempo para ser mais minucioso. Peça-lhe que se apronte, que foi para levá-la comigo, que aqui vim.

— Se muito desejais que eu vos acompanhe obedecer-vos-hei, senhor. Irei pois, receberei o coronel Pedro quantas vezes elle se apresentar, mas nunca como sua noiva, porque nunca serei sua mulher.

— Contento-me que o recebais, senhora: é quanto de vós exijo. Ora, façam lá bem ás moças, dice elle entre si, enfurecendo-se do novel.. Estou aqui como que a rogar a uma criança que aceite a fortuna que se lhe apresenta, em vez de mandá-la com superioridade! E tudo, porque é minha irmã! vá mais este sacrificio e será o ultimo. Mulheres, mulheres! E' bem pesada carga para um

O homem que acompanhamos,
Amigos, não é assim;
Como cidadão tem crenças,
Uma idéa, um nobre fim.
Gloria ao probo Magistrado,
Governante abalizado,
Aos seus deveres leal;
Gloria ao astro Alagoense,
A quem da gloria pertence
O diadema immortall

Como o sol, que ora caminha
Para a seu tempo se pôr,
Mas que amanhã ha de o mundo
Encher de novo esplendor;
Assim, breve, o nosso Amigo,
Que deixa e leva consigo
Mil saudades e afeições,
Volte a cumprir os seus planos,
Felicitar os Bahianos,
Enriquecer seus braços.

Eis o meu canto, o meu voto,
Que a fé me promete já,
Que por Deos, pelo Monarcha
Abençoado será.
Accêite-o como sincero
Testemunho o, que venero,
Benemerito Varão;
E' canto d'independencia;
E' voto de consciencia;
E' parto do coração.

As folhas diarias.

Das das folhas diarias elevaram o preço de suas assignaturas a 24\$ rs. por anno, como já o dissemos no nosso numero antecedente, e, fazendo-o, erraram no calculo, porque não contaram com a reclamação, agora mui justa, e devidamente feita, dos seus compositores; e a prova desta nossa verdade está em um artigo que lemos em uma das outras folhas quotidianas, onde a administração do *Journal do Commercio* principia a ser atacada por dar sómente aos seus compositores 500 rs. de augmento, quando esperavam 1\$ rs., isto é, quando contavam passar de 4\$ rs. a 5\$ rs., como lhes fóra

homem! Esta pequena para sustentar os seus caprichos, julgo que accitaria o Convento; e, accrescentou alto, a vér o effeito que produziam suas palavras:

— Minha irmã, com as idéas que acaba de manifestar estou certo que tomaria de preferença a vida de clausura ao brilhante casamento que lhe offereço?

A misera moça teve um instante de esperançosa alegria. O convento se lhe mostrava nesse instante de desespero como a sua unica taboa de salvação. Ella se admirava mesmo como lhe não tinha occorrido tal idéa. Sim, iria no convento guardar seu destino longe do Leonardo, é verdade; mas só viver para elle, esperar que sua sorte mudasse; e ver-se-hia livre do coronel e de quantos outros pretendentes apparecessem. E por isso tornou quasi agradecida a D. Martin:

— Sim, meu irmão; fechai-me em um convento; sim, quero lá viver, e livrai-me deste casamento.

— E eu, r'petio o fidalgo enfadado: quero antes ver-a com o véo de noiva do que com a corôa do frêira. E dizendo isto, travou de repente do braço da joven, obrigando-a a acompanhal-o.

A desgragada moça sentio que sua sorte hia decidir-se; experimentou as angustias da

promettido, e isto logo que fôsse elevado o preço aos assignantes.

Quando ha pouco os nossos collegas d'arte se colligaram o pediram augmento de salario, foi nossa opinião que essa exigencia não podia ser satisfeita pelas empresas typographicas, porque não tinham para isso o sufficiente recurso; agora, porém, que d'esse unico recurso do que podiam ellas lançar mão já o fizeram, as exigencias começam a apparecer, e irão em augmento, como o tempo nos mostrará.

O calculo feito na folha diaria, a que nos referimos, contra o *Journal do Commercio* não é, todavia, exacto. Diz-se n'ella que o *Journal do Commercio* tem um augmento de 24:000\$ em assignaturas, e que só despense 5:000\$ com os compositores; mas não vê o autor do artigo que, quando se trata de augmento em um estabelecimento, qualquer que elle seja, esse augmento vai por tabella tocando a todos? Se do facto o *Journal do Commercio* ganhasse 24:000\$ rs., estamos certos que do facto elle daria 10:000\$ rs. aos seus compositores, bem que uma folha que augmenta de preço nas assignaturas, deve logo contar com o decrescimento dellas, e, consequentemente, com uma quebra não pequena na sua receita diaria, *outra coisa* de que fica uma parte como saldo, queremos dizer, como *beneficio liquido*.

De ha muito que está feito o calculo de que os assignantes de uma folha quotidiana, das proporções do *J. do Commercio*, *Correio Mercantil*, etc., dão apenas para a despesa, porque recebe cada um (estabelecemos a hypothese entre nós) pelos 20\$ rs., que dá no anno, os mesmos 20\$ rs. em uma resma de papel limpo. O que paga os gastos da impressão, da redacção, etc., são os annuncios, e d'isso é que fica o *saldo*.

Seis mil assignantes a 20\$ rs. dão no anno 120:000\$ rs., e consomeu no mesmo espaço de tempo 6,000 resmas de papel, que, a preço de 20\$ rs. cada uma, importam tambem em 120:000\$ rs., porque, com quanto o anno tenha 365 dias, e uma resma de papel tenha mais de 365 folhas, devem en-

morte, vendo que tinha de acompanhar a seu irmão, sem ao menos trocar uma palavra com Leonardo que não estava totalmente restabelecido. E parecia-lhe que um passo que desse alem de sua morada era uma eternidade, que se abria ante ella e seu amigo! Nesse momento supremo lançou-se aos pés do hoicem grande e com voz entre-cortada de soluços:

— Meu irmão, dice, em nome de nossa mãe, supplico que me poupe uma desgraça, porque sinto que não poderei obedecer-lhe.

D. Martin nada respondeu; porem pelo ar ironico que mostrava em seu sorriso, bem se podia conteeer que a dor da irmã não lhe abalava a alma. Sempre guardando silencio, mas com maneiras cortezas, levantou a joven e a convidou com agrado a pôr um chale aos hombros, e deste modo foi arrastando a moça, que, com o coração partido de dôr, obedecia-lhe maquinalmente, passando da sala aos corredores, e destes á rua.

Iphigenia ali estava, guardando a porta de sua ama, como um cão fiel guarda a casa de seu donol. Querendo tudo encobrir ao filho, que se achava ainda em convalescença esperava impaciente a sahida de D. Martin.

Vendo que D. Narcisa o acompanhava,

trar em conta os espedirios, os estragos do prelo, as reclamações em duplicatas e um sem numero de cousas, que bastaria para complemento da resma em questão.

Se o *Journal do Commercio* faz por mez 10:000\$ rs. em annuncios, em pedidos &c., &c., ou antes outros 120:000\$ rs. por anno, é d'essa quantia que lhe sahem as despesas ordinarias e extraordinarias, do que resultará que, tendo elle 6,000 assignantes, e fazendo por dia de 300\$ a 400\$ rs. em annuncios (descontados os dias santos, e outros de grando o pequenagala, dias de chuva, &c., em que não fará tanto) o lucro do immenso trabalho, da grande responsabilidade, e do numero capital empreado, não será maior de 50:000\$ a 60:000\$ rs. por anno.

Quando tudo o que custava, ha 5 annos, 50\$ rs. custa hoje 100\$ rs.: quando se compra por 20\$ rs. o papel de imprimir que se comprava por 14\$ a 16\$ (e algum ha que se vende hoje por 11\$ rs., como o d' *Marmota*, o que ha tres annos não custava mais de 8\$, e 7\$ rs., comprado em porção) já se vê que é preciso que o preço das assignaturas seja sufficientemente elevado se o publico quizer estar por isso, ou que as folhas diarias caiam (como hade acontecer a alguma dellas) se não acharem decidido apoio no geral da população, por isso que a protecção de um ou mais homens serve para muito, mas não serve para tudo, nem para sempre.

As assignaturas, por tanto, deviam ser elevadas a 25\$ rs., e a 3000 ou 6\$ rs. os jornaes dos compositores.

Pão asyano.

Ta fa a de principios religiosos s' tem originado a perversidade dos costumes.

TANGANI.

Caminho da virtude he alto e fragoso,
No fim alegre, doce e delitoso.

CAMÓIS.

A virtude e a felicidade não se conseguem por acaso ou pela simples vontade; necessitam de ser buscadas com ardor e seguidas com diligencia.

correu para ella com os braços abertos e por alguns momentos embargou-lhe os passos.

— Deixe-me acompanhal-a, senhor, dice ella ajoelhando-se aos pés do fidalgo, tenho-lhe amor de mãe. Perdo-ar-me-ha o senhor pois que é sua irmã; porem ella não pode estar um só dia sem mim!

— Ainda esta mulher? dice o homem grande retira-te d'aqui demonio ou te esmago como a uma vil serpente. Deo-se jamais uma semelhante ouzadia?.

— Socega, Iphigenia, dice D. Narcisa, lavada em pranto, á India. Nossa separação não será longa; meu irmão reconhecera quanto vales; e te fará elmar para junto de mim. Cuida em meus passivos, em minhas flores e em tudo quanto a hi deixo que eu prezava... E, desprendendo-se com ternura dos braços de Iudygina, acompanhou sim irmão.

A mãe de Leonardo a seguiu tambem por muito tempo com os olhos Depois, quando a escuridão e encobrio de toda á vista, dice com dôr vehemente e voz concentrada:

— Meu filho, meu filho, como te consolarei! Ah, barbaro! Nem mesmo a tua irmã poupaste! Será mais uma victima que pedirá vingança no céol.. (Continúa.)

O bem nos acompanha da direita e o mal da esquerda; ou abraçamos um, ou somos victimas do outro. Não se trata de nada menos que abnegar de nós mesmos, pelo bem commum, ou aberrar dos bons principios pela nossa pessoa.

A felicidade do máo é transitoria; dura com o delirio dos prazeres externos, e ephemeros, como a do ébrio dura com a embriaguez do espirito.

A unica fonte da virtude humana é a religião; e a base da religião é a crenga em Deus e a observancia de seus mandamentos. Mas nós não saberemos que é religião, nem mandamentos de Deus, se não tivermos dignas noções do Ser Supremo, segundo o alcance de nossa intelligencia. E a occasião não é azada para esse estudo; quando o elemento social e da ordem acaba de desabar no meio de nossas transformações politicas.

Os membros acephalos de uma sociedade corrupta alimentam-se aqui e além, dos fragmentos da cabeça, que baqueou. Ainda têm pasto para alguns dias mais.

Porém o que a todos pertence não é de ninguém; e, nesta contenda insana de preferencia, vão-se despedaçando uns aos outros.

Lavra a gangrena desde o grande até o pequeno, do rico até o pobre, entre o primeiro e o ultimo da esdã humana.

Todos gritam por sacerdotes santos, juizes rectos, ministros sabios, militares valentes, seculares probos; e nenhum concorre para a ordem no seu posto.

Os espiritos livres ou espiritos fortes são que levam vantagem nesta revolução dos dentes de Cadmo desparzidos.

Depois de havermos percorrido o circulo de todas as loucuras, e de todos os crimes, manchados pelo sangue, desimpirados do principio racional justo e religioso, presis de paixões desordenadas; então conheceremos que a restabelecimento dos altares e culto é uma condição indispensavel para a ordem social.

Não é possível conceber-se a existencia de Deus sem religião; a religião sem culto; o culto sem igreja; a igreja sem leis, sem gerarchia e sem ordem.

Debalde procurar-se-hia na historia uma nação, ou um povo, que não tivesse uma religião publica, e lhe não consagrasse um culto. O pagão, ainda quando fugia, tinha, como seu primeiro dever, o cuidado de levar consigo os seus deuses penates, e nunca pousava senão onde lhes podia erguer um altar.

A ausencia de um culto publico foi sempre o signal certo e caracteristico de uma dissolução social.

A occasião é calamitosa: abunda em idéas superfluas; mas faltam-lhe as necessarias. Não ha pensamento serio, nem sentimentos solidos. As opiniões são fluctuantes. Assevera-se no meio da duvida. Cada um confia em si e desconfia dos outros. Ha sciencia de doutrinas loucas, e ignorancia completa da opinião dos sabios...

Quer cada um as cousas a seu modo de ver, sem estudo e sem experiencia! O que é um homem, em comparação de uma cidade, uma cidade; em comparação de um povo, um povo, em comparação do universo?!

Porque não estudamos?

Estudemos, aproximemo-nós no exame dessas verdades, que se deixam approximar, e d'alguma sorte perceber e tratar; são pactos brilhantes e sensiveis, nos quaes a religião se envolve, a fim de tocar do mesmo

modo o grossoiro e o subtil; são os seus fundamentos. Miremol-os em derredor, tentemos abalal-os, desçamos com o facho da philosophia até essa pedra antiga, tantas vezes repellido pelos incredulos, mas que a todos ha esmagado. Porém quando, chegados a uma certa profundidade, encontrarmos a mão do Omnipotente; que desde o principio do mundo sustm esse grande e magestoso edificio, que as proprias tempestades cada vez mais firmam, paremos, e não cavemos até aos infernos.

A philosophia nos não poderia levar mais longe, sem nos transviar; nós entramos no abysmo do infinito; ali uma venda cubrirá no nos olhos, e ás cegas pararemos nas mãos da Fé.....

Deixemos a Deus essa noite profunda, em que lhe apraz recolher com seus raios os seus mysterios!

Tudo o que exista está bem feito.

Desde a queda do primeiro homem, tudo foi proporcionado em peso, medida e harmonia á condição de um ser degradado, o qual pode, merco padecer, e não pôde adquirir o seu antigo estado senão pela penitencia ou padecimento.

Os males physicos são designados para curarem o mal moral.

As paixões e os crimes dos mais depravados homens são dirigidos e governados pela sabedoria infinita, de uma maneira tal, que faz sentir a ordem da confusão, a luz das trevas, e deriva innumeraveis vantagens dos inconvenientes transitorios desta vida.

A Divina Providencia conduz todas as cousas aos seus fins, sem cansar ou approvar os effeitos da determinada malicia.

Nós não vemos mais do que uma das infinitas rodas d' prodigiosa machina do universo, um pequeno elo d' grande cadeia, ou uma insignificante parte do immenso plano do Creador.....

Ninguém estuda!

O estudo produz fructos doces, porém as raizes são amargas; e nesta quadra de pressa, de superficialidades, em que as locomotivas mal deixam os órgãos visuaes fixarem os objectos, é impossivel a regeneração por meio do estudo profundo.

E' temeridade lutar braço a braço com o mundo; quem o onstasse ficaria esmagado. Deixal-os correr ao abysmo.

Corramos nós á cruz: abracemol-a, levmol-a ao conflicto; e ai d'aquelle que não se abrigar á sombra do Crucificado!

R.

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensu no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924)

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

— Entretanto, seja dito de passagem, e aqui entre nós, que ninguém nos ouve (bem se heis que não desejo manchar a reputação de pessoa alguma, eu tambem acreditava na innocencia de Julianno, antes de sua partida; tambem eu o defendia muito, e o julgava in-

capaz de tal attentado; mas depois de sua ida, não.

— Não?!

— Não; e certamente não. Se Julianno estivesse innocente, não se sujeitaria a uma pena que não tinha merecido. Quando vós lhe propozestes a viagem para Missões, se elle estivesse innocente no assassinio de Leoncio se opporia com todas as suas forças, teimaria por provar sua innocencia, e faria todo o possivel por se mostrar livre de uma tão feia imputação, e digno de vós, e de vossa filha: mas ao contrario, aceitou essa especie de degredo que lhe impozestes. Porque lhe impozestes vós esse quasi degredo? por causa do assassinio de Leoncio; se sua alma estivesse tão pura, como inculcava; se elle estivesse innocente, repellido de si essa idéa indigna de um degredo, que elle não havia merecido. Seu coração generoso, puro, e innocente encher-se-hia de uma nobre indignação; sua virtude regeitaria até a mesma mão de Clara, com tanto que sua reputação ficasse illesa! Elle sacrificaria tudo á sua honra, e á sua virtude! Ao contrario, não repelliu de si uma idéa indigna, e aceitou seu degredo, como expiação de sua culpa!

Que mais provas de seu crime?

— Padre, padre, vós tendes toda a razão!

Julianno é culpado! sim, foi elle quem correu aos gritos do licenciado; foi elle, e nós hem o vimos.

— Deus me perdoe... mas...

— Mas é preciso dissuadir Clara de um tal casamento.

— Assim o entendo.

— E como?

— Dizendo-lhe o que sabeis.

— Não seria melhor, fallar-lhe vós, e tomar a vosso cargo o convencel-a?

— Com tanto que sejais vós o primeiro em fallar-lhe.

— Eu a mando chamar.

Durante esta conversação a sensivel, e estudosa Clara recolhida em seu quarto lia em aquelle papel, que em sua despedida Julianno lhe havia deixado! Nesse papel se continham quatorze linhas, e em cada linha onze syllabas; e cada uma dessas linhas exprimia mui dolorosamente uma idéa triste, e luctuosa; e todas essas idéas não representavam mais do que uma idéa do desoluição, de dôr, e de saudade!

Por ventura so alegre vosso coração em uma noite em que não brilha na abobada celeste uma só estrella? Sympathisaeis acaso com um dia heusco, em que o sol não f-re vossas vistas? Um prado despojado de suas galas é talvez a expressão do lucto da natureza! Uma cidade assolada pela peste, é o adorno do tumulo! Uma não no meio de uma tormenta é a imagem da frequenza humyna! Um jardim sem flores é um cemiterio de mortos vegetaes! Um bello mancho sem amores é o retrito do egoismo, ou da dôr! E a roda que volve sobre a s'ra é a copia do amor infeliz, aniquilado pela fouce da morte!

Querois ainda imagens de tristeza? Entrai em uma casa de familia onde não haja crianças; ali não existe a variedade, nem os contrastes da vida; a esperanza não habita debaixo desse tecto, nem os sorrisos da infancia alliviam os pesdumes dos cuidados viris, nem os desgostos visinhos do tumulo da idade decrepita!

Praticai com um homem sem amigos; seu olhar é obliquo, suas palavras estudadas, todos os seus modos são receiosos, porque a

desconfiança lhe roe o coração; como o abutre de Tycio!

E se um homem se comparasse a todos esses objectos? vós o julgariis desesperado!

Era pois um soneto, que Julianno havia deixado á sua amada, bello unicamente pelas suas idéas. Eil-o:

SONETO.

Como a noite sem astros, tenebrosa;
Como sem sol um dia sem fulgores;
Como o prado já murcho, sem verdores;
Como om peste cidade luctuosa;

Como não em tormenta e lamitosa;
Como jardim plantado, mas sem flores;
Como gentil mancebo sem amores;
Como viuva róla, e tão saudosa;

Qual casa de familia sem crianças;
Qual peito que não tem uma amizade;
Tal eu, meu doce bem, nestas mudanças,

Vou soffrer na mais triste soledade
A duvidosa vida de esperanças,
A dolorosa morte da saudade!

Clara trazia este papel sempre consigo, não já para lê-lo, porque pela continuação de o ler já sabia de cór este soneto; mas para ter o triste gosto de estar contemplando estas letras traçadas tão tristemente por mão para ella adoravel! Ella achava um não sei que de allivio, e até de consolação em olhar muito para aquelles traços que representavam algumas idéas tristes e saudosas do mortal a quem tão ternamente amava!

(Continúa.)

Que noite!

Como é tristonha esta noite
Tão cheia de escuridão!
Como ella sentir me faz
Inda mais forte paixão!
Como parece entender
O meu pobre coração!

Tudo é triste! o firmamento
Parece não existir;
Nem a lua se apresenta,
Nem uma estrella a luzir!
Só um ponto esbranquiçado...
Mas, depois... vejo-o fugir!

Como a noite em mim derrama
Da poesia alto calor;
Como vem tão mansamente
Fazer de mim trovador!
Cantando de bella dama
Seu não peito e seu rigor!

Adelia! de ti só quero
Um só olhar, um sorrir!
De tua voz um som bello,
Ver teus olhos a luzir!
Ver em ti um amor louco,
E depois... não existir!

M. A. Calazans Peixoto.

Versos chistosos

de diversos autores, antigos e modernos, que se cantam em fado ou por distracção.

Toma a chave do meu peito,
Abre-o com toda franqueza,
Que dentro d'elle has de achar
Amor e toda firmeza.

Atira, Cupido, atira
Atira, não tenhas dó,
Atira n'aquella ingrata
Que se foi... me deixou só.

O anú o passaro preto,
Passarinho do verão,
Quando canta á meia noite
Causa dor no coração.

Paz-me a contar as estr llas
Co'a ponta da minha espada;
Principiei á noitinha,
Acabei de madrugada.

Sentei-me á beira de um rio
E paz-me a considerar
Qual seria o meu destino,
Onde eu iria parar.

Oh Manoel não te embarques,
Olha que o mar não tem fundo:
O mar é como as mulheres,
Que enganam a todo mundo.

Que passarinho é aquelle
Que está na flor da banana,
Com seu biquinho *dal-e, dal-e,*
Com azas de *quero-mana!*

Quando en era pequenino
Comia milho na mão:
Hoje que sou gallo velho
Bato com o bico no chão.

Eu se te amei em um sonho
Só te quiz felicidade;
Foi enquanto não achei
Amor da minha vontade.

A moda do *quero-mana*
Sabio de cima da serra,
Voando por esses ares
Veio cahir n'esta terra.

Amanhã é dia saneto
Dia de Corpo de Deus:
Quem tem roupa vai á missa
Quem não tem faz como eu.

O tutú foi encontrado
No poquinho da figueira
A espera do macaco
P'ra jogarem capoeira.

Se Nosso Senhor soubesse
O tutú que gosto tem,
Viria do céu a terra
Comer do tutú também!

MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez o conselleiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

Homens.

— Contra as leis da optica, os grandes homens parecem muito maiores de longe, que de perto.

— Ninguem é grande homem em toda a parte, em todo o tempo, e em tudo.

— O homem bom espera mais do que teme; o máo teme mais do que espera.

— E' impossivel ao homem dizer com segurança o que elle sentirá, o que elle pensará, o que elle será, em um quarto de hora.

— Os homens são como as arvores, não se conhecem sempre pela casca.

— Quando se é obrigado a viver com os homens, é necessario adoptar o partido de respeitar suas fraquezas e suas extravagancias.

— Como na agua o semblante responde ao semblante, o coração do homem responde ao coração do outro homem.

— Os homens nascoram uns para os outros; é por tanto necessario ou unsinal-os ou soffrel-os.

— O maior dos homens pode necessitar do menor, como este pode necessitar daquelle.

Logogrypho.

Apresento um logogrypho
De quatro syllabas composto:
Qualquer o decifrará
Si então estiver disposto.

A primeira com a quarta
Faz um todo movimento;
Sem descanço assim está
Quem me tem, é um tormento.

A segunda com a terceira
Faça a cabeça voltar;
Um bebado está comigo,
Sem que possa reparar.

A minha segunda e quarta
Sou das moças a paixão;
Uma me trazem com gosto,
Outras com imperfeição.

A primeira com a segunda
Julgo p'ra nada prestar:
N'um poço, pedras ou charco,
Sempre sempre haveis me achar,

A terceira com a quarta
E' inutil totalmente,
Ou faz quem no mar ou rio,
Assim luta paciente.

S'ndo fresca e variada
Sirvo em tempo de calor;
Doce, bella e saborosa,
Do apreciavel sabôr.

Ignassú

Uma joven.

A charada do n. antecedente é *Pombrola*.

CHÁ
BOM E BARATO
NA
Loja de Paula Brito
N. 64
Prça da Constituição
onde tambem se vende
Letras e papel sellado
POR CONTA DO GOVERNO.

Typographias de Paula Brito
Rua do Caxo n. 44 e praça da Constituição n. 64.